

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
LICENCIATURA EM MÚSICA

A MÚSICA E SEUS EFEITOS TRANSFORMADORES EM CRIANÇAS E
ADOLESCENTES DO PROJETO GRAMACHINHOS

JESSICA FRANCISCA GIMENES DO NASCIMENTO PEREIRA

RIO DE JANEIRO
2017

Jessica Francisca Gimenes do Nascimento Pereira

A música e seus efeitos transformadores em crianças e adolescentes do
Projeto Gramachinhos

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Villa-Lobos do
Centro de Letras e Artes da UNIRIO,
como requisito parcial para obtenção do
grau de Licenciado em Música sob a
orientação da Professora Dra. Maria
Angela M. Corrêa.

Rio de Janeiro, 2017.

Dedico este trabalho a todas as crianças e adolescentes do Coral Infanto-Juvenil Gramachinhos. Àquelas que por ali passaram e deixaram marcas e ensinamentos profundos na minha vida, e àquelas que ainda presente me ensina, a cada dia, com suas histórias de vida, como ser uma pessoa melhor. Amo estar com vocês, amo cada um de vocês!

AGRADECIMENTOS

Meu maior agradecimento é ao Deus da minha vida. Ao meu criador e meu Salvador, que me deu através da Sua Graça bênçãos incontáveis que eu não mereço. Com isso, Ele me deu um lindo talento na arte da música e a capacidade de aprender e desenvolver esta aptidão, em primeiro lugar para a Honra e Glória do Seu nome, e depois para contribuir de alguma forma na vida de alguém através desse talento.

Quero agradecer à minha família por todo o apoio e investimento para o meu crescimento profissional. Aos meus pais Jorge Gimenes e Antonia Gimenes que não mediram esforços para me ajudar em qualquer necessidade que eu tivesse. Infelizmente, nessa área profissional da música é raro ver pais que, de todo o coração, incentivam os seus filhos, e vocês são essa raridade. Agradeço a minha irmã Joyce Gimenes, por me apoiar não somente com palavras, mas sendo para mim uma coorientadora neste Trabalho de Conclusão de Curso. Obrigada por ser minha melhor amiga, e grande exemplo pra mim, tenho orgulho de ter você como irmã. Agradeço também ao meu cunhado Wagne por todo carinho, atenção e suas “caronas”, e ao meu sobrinho Henrique por ser a alegria que eu precisava nos momentos mais exaustivos. Suas gargalhadas me trazem ânimo dobrado.

Minha gratidão especial é para o grande amor da minha vida, meu marido Gabriel do Nascimento. Fazer o que você faz por mim não é pra qualquer um não. Apoiar meu pedido de demissão de uma empresa tão conceituada como a que eu trabalhava para poder me dedicar integralmente à faculdade, e com isso, você ter que sustentar a família sozinho, só um homem que tem um coração “maior que o corpo” poderia fazer isto. Você é tudo para mim. Obrigada meu amor por ser o meu maior incentivador, por me fazer sentir a mulher mais especial do mundo, por entender meus cansaços, meus estresses, e com toda paciência do mundo cuidar de mim em cada detalhe. Eu te amo demais.

Quero agradecer a minha orientadora, por ter desempenhado um papel que vai muito além de orientar, você se preocupou com cada detalhe não somente neste trabalho, mas se importou comigo. Está para nascer uma orientadora igual a você. Muito, muito obrigada por ser quem você foi para mim, um verdadeiro anjo. Como eu

aprendi e aprendo com você. Também quero agradecer a minha madrinha Meiryelen que desempenhou também o papel de coorientadora, me ajudando muito neste trabalho.

Enfim, quero agradecer aos meus amigos e professores. Aos amigos que fiz na faculdade e que quero levar para o resto da minha vida, pra sempre (forever!), obrigada pelo carinho e pelas palavras que tanto me deram força. Aos meus professores que marcaram minha vida pra sempre me trazendo conhecimentos valiosos, sentirei falta de todos vocês. Agradeço especialmente aos amigos Ana Elisa, Thamires Fonseca, Larissa Ferreira, Vinicius Louzada e Michel Ramos que entraram junto comigo na faculdade, fizeram todas as matérias e trabalhos comigo, e durante todo esse tempo nos mantemos ao lado um do outro sempre com palavras de ânimo. Aos meus amigos da vida, que entenderam minha ausência em muitos momentos, e mesmo assim continuaram ao meu lado demonstrando seu amor, e o quanto torcem pela minha conquista e felicidade. Amo muito vocês!

Muito Obrigada!

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana seja apenas outra alma humana”.

Carl G. Jung

GIMENES, Jessica. *A música e seus efeitos transformadores em crianças e adolescentes do Projeto Gramachinhos*. Monografia, 2017 (Licenciatura em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

O presente estudo, de caráter qualitativo exploratório, está desenvolvido com base em uma experiência de voluntariado em Música, no Coral Infanto-Juvenil Gramachinhos, no Projeto Gramachinhos, localizado no Jardim de mesmo nome, no Rio de Janeiro. Os principais objetivos deste trabalho de pesquisa são conhecer como se dá a aprendizagem da música; identificar e compreender como a musicalização e a performance musical se tornam importante fator no processo de integração social, e de transformação na vida das crianças e adolescentes que moram ali e participaram deste Projeto. Além disso, mais um objetivo se somou aos anteriores: analisar de que maneira a música pode ser utilizada como instrumento facilitador da inclusão social. Para isto, após dois anos de convivência e trabalho com aquelas crianças e adolescentes, esta pesquisa realizou também entrevistas com os participantes do Coral, para compreender de que forma o ensino da música e a performance musical contribuem para a socialização delas. O trabalho foi desenvolvido em três partes e cada uma delas utilizou um determinado referencial teórico. Para tratar da performance foram utilizados os textos de Borém (2006; 2012); Hikiji (2005); Pinto (2001) e Cerqueira (2010). Para a Inclusão Social contamos com os autores Fucci Amato (2009); Oliveira (2006); Noletto e Werthein (2003), e Ribeiro (2012). Kleber (2008), Rezende et al. (2012). O teórico Magnani (2012) auxiliou na compreensão sobre a construção da identidade e Gohn (2006), Barbosa (2007), Santos (2006) como os autores que discutem a temática sobre educação não formal. O percurso feito neste trabalho possibilitou considerar que, de fato a performance é um fator transformador e contribui para a autoestima, para a construção da identidade, promove a musicalidade e possibilita trazer a visão prospectiva no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Palavras-chave: Projeto Gramachinhos, Inclusão Social, Performance Musical.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – UMA BREVE HISTÓRIA DO PROJETO GRAMACHINHOS	11
CAPÍTULO II – CAMINHOS DO PROJETO: INCLUSÃO SOCIAL, CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL	15
CAPÍTULO III – PERFORMANCE MUSICAL	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	36
ANEXOS	39

INTRODUÇÃO

Em agosto de 2015 conheci o importante trabalho desenvolvido pelo Projeto Gramachinhos, por meio da Coordenadora daquela iniciativa. Neste dia conheci a cruel realidade em que vivem os moradores de um lugar conhecido como “antigo lixão de Gramacho”, localizado no Jardim Gramacho, no município de Duque de Caxias, no Estado do Rio de Janeiro. Essa realidade desumana passa despercebida para a maior parte da população Brasileira, principalmente devido ao fato de terem determinado o fechamento do referido lixão, por meio da Política Nacional de Resíduos Sólidos. Porém, ao contrário do que foi garantido pela LEI Nº 12.305/10, observa-se que o lixão ainda existe e funciona na região, muito embora haja total abandono por parte dos governantes, em relação aos moradores deste lugar. Com essa condição, muitos fatores de risco físico, psicológico e social se agravaram ainda mais, como a fome, a morte causada pela desnutrição e a exclusão social.

Por acreditar nos ideais do Projeto Gramachinhos, enquanto organização que tem contribuído para a inclusão social e erradicação da fome dos moradores da região; e também por acreditar na arte como fator importante para a transformação social é que me propus fazer parte deste grupo e desenvolver naquele local um trabalho musical, com um subprojeto de Canto Coral, conhecido como “Coral Infante-Juvenil Gramachinhos”.

A iniciativa do Coral possibilitou muitas oportunidades que antes as crianças e adolescentes, do Jardim Gramacho, não tinham. Possibilidade de se incluírem socialmente numa sociedade onde ainda não se sentiam como parte dela; e também a possibilidade de escaparem do narcotráfico. A participação daqueles jovens no Coral favoreceu também a oportunidade de terem novas vivências e melhorar suas autoestimas, de se sentirem mais realizadas, de aprenderem coisas novas, de adquirirem novos hábitos e atitudes em relação ao outro e em relação a si mesmo. Contribuiu também para que eles se sentissem cidadãos deste mundo.

Por meio da performance e da interação com o professor podemos observar o processo de construção da identidade de cada um, bem como o desenvolvimento de novas maneiras de se relacionar com o outro, diferente daquelas construídas anteriormente, moldadas pela dura realidade que enfrentam.

O Coral atualmente tem dois anos de existência. Esses anos não foram apenas de grandes experiências, aprendizados e desafios, mas foram principalmente anos de

muitas conquistas ao longo do período de convivência com eles e que será objeto deste trabalho de conclusão de curso.

Para relatar o desenvolvimento do projeto realizado naquele lugar, este trabalho foi desenvolvido três capítulos.

O primeiro capítulo trata de uma breve história do Projeto Gramachinhos, com ênfase no lugar onde está localizado o projeto.

O segundo capítulo aborda os principais objetivos do Projeto e os caminhos percorridos para a inclusão social, a construção da identidade e a educação não formal. Neste trajeto observamos que um dos fatores que favoreceu os aspectos citados anteriormente foi a performance. Com isso, o terceiro capítulo trata sobre o que é performance musical e suas contribuições.

O conjunto de acontecimentos ao longo do tempo à frente do Coral criou diversas oportunidades de vivermos o imprevisível com relativa constância, de termos desafios diários e vitórias concretas e repetidas. Durante esse caminho a música, por meio do canto, ocupa um lugar central.

CAPÍTULO I

UMA BREVE HISTÓRIA DO PROJETO GRAMACHINHOS

Há mais de 35 anos existe no Jardim Gramacho, o maior Aterro de resíduos da América Latina. O espaço ocupa, aproximadamente, uma área de 1,3 milhões de m², e têm perto de 28 mil moradores. Neste lugar são ainda despejados, por dia, em torno de 10 mil toneladas de lixos, ou seja, de resíduos químicos e orgânicos provenientes de toda a região metropolitana do Rio de Janeiro (CARVALHO, 2015).

A maioria dos moradores desse aterro trabalha como catadores de lixo e, com esse ganho, tentam sobreviver em meio à miséria e a exclusão social, muito embora, em 2 de Agosto de 2010 tenha sido instituída a LEI Nº 12.305 que trata da: “Política Nacional de Resíduos Sólidos” e, com ela, determinado o fechamento do referido lixão. Essa Lei prevê, entre outras coisas, a inclusão social dos catadores de lixo e a capacitação profissional dos mesmos. No entanto, quase oito anos depois, não é o que se observa. Atualmente este lugar ainda funciona e as condições são ainda mais precárias. Os moradores vivem sem saneamento básico, sem água potável e ainda sofrem com a falta de emprego e de oportunidades. A taxa de mortalidade é grande devido à escassez de recursos e a fome, uma constante em suas vidas. Além disso, a situação de suas moradias é precária e raras são as casas de tijolos, pois a maioria das pessoas que lá vivem, moram em barracos improvisados de madeira ou de lona.

Diante dessa situação de absoluto abandono e necessidade, a família da Presidente do atual Projeto Gramachinhos decidiu trabalhar para a melhoria das condições de vida destas pessoas, pois além de toda dificuldade mencionada acima, esses moradores ainda convivem com um alto índice de analfabetismo entre os adolescentes e os adultos. Esta iniciativa nasceu há cinco anos com doações de alimentos e auxílio para as crianças e adolescentes que não sabiam ler. A partir dessa primeira iniciativa, foi criado o “Projeto Gramachinhos”, que atualmente atende cerca de 500 crianças e adolescentes, na faixa etária entre 1 e 18 anos de idade.

O Projeto de música para os moradores que vivem neste lugar foi criado com base na crença da importância da arte na vida das pessoas de maneira geral e, para aquelas que sobrevivem em uma realidade tão cruel, de forma específica, além de que a arte também poderia favorecer a inclusão social. Nessa perspectiva se deu a escolha do ensino da música.

O trabalho desenvolvido a partir deste Projeto está baseado em minha experiência como professora voluntária de música e regente do Coral Infanto-Juvenil Gramachinhos, iniciado há quase dois anos. Desde então, tenho observado muitos progressos na vida dessas crianças, desde a musicalidade e a performance musical, quanto na questão social.

No início, cada encontro foi muito difícil e bastante doloroso quanto ao aspecto emocional. O primeiro contato feito com as crianças e adolescentes do Projeto Gramachinhos foi de uma forma inesperada. Eles tinham acabado de chegar de uma aula de educação física, estavam bastante ofegantes e cansados, e com este estado de ânimo, tudo parecia contribuir para uma primeira aula frustrante, pois há algum tempo atrás surgiu, neste lugar, um professor de música que em pouquíssimo tempo os abandonou. Talvez por este motivo, eles se entre olhavam bastante desconfiados de que eu seria a próxima a não voltar mais ali. Quem sabe eles não demonstravam interesse porque, provavelmente, eles nem imaginavam o que pudesse ser aquilo.

Nessa situação de corpos acelerados, agitados e totalmente desconfiados, houve naquele encontro, uma tentativa de conversa para conhecê-los melhor. Nesse diálogo eles disseram que não gostavam de cantar e também não gostavam de ouvir música. Talvez tivessem dito que não gostavam de ouvir música porque não tinham a intenção de demonstrar entusiasmo pelo o que eu estava tentando fazer. Por fim, com muito cuidado e paciência desenvolvi com eles naquele encontro, um trabalho agradável e dinâmico. Neste dia estavam presentes 15 crianças e adolescentes, na faixa de etária de 8 a 14 anos de idade.

Na semana seguinte, para a minha surpresa, todos retornaram para a aula e trouxeram mais alguns amigos para participarem, formando um total de 23 crianças e adolescentes. Neste segundo encontro, apesar de ainda demonstrarem desconfiança, eles estavam muito mais dispostos a entender o que estava sendo ensinado e, começaram a se envolver com a música, mais especificamente com o canto.

Antes de iniciar as aulas de música, fiquei bastante comovida com a história que ouvi sobre os moradores do 'lixão de Gramacho'. Então pensei que essa poderia ser uma oportunidade incrível de poder ensinar algo importante para eles, mesmo que essa arte não fosse o 'fim' em si mesma, mas que pudesse ser uma maneira de eles se sentirem incluídos socialmente e, além disso, terem a oportunidade de fazer algo diferente do que estavam acostumados. Porém, durante este tempo de trabalho e

convívio comecei a ter a sensação, e depois a certeza, de que eu estava aprendendo muito mais com eles, com a história de vida deles, do que eles aprendendo comigo.

Atualmente, o Coral tem dois anos de existência e este período foi marcado por momentos bastante significativos. Dentre esses momentos, destaco aqueles em que pude conhecer a história de vida de cada criança e adolescente. Com esse aprendizado, percebi que a história daquele lugar e daquelas pessoas é muito pior e mais difícil do que eu havia escutado. Crianças e adolescentes marcados pela violência sexual, pelo abandono, pela fome, pela escassez de recursos e de possibilidades e pela violência urbana.

Na segunda aula que tivemos, recebemos a notícia de que uma criança de 4 anos, que fazia parte do convívio das crianças do Coral, foi abusada sexualmente até a morte. Outro caso absurdo foi o de um bebê de 2 anos de idade que morreu de fome e os moradores tiveram que fazer um caixão improvisado de madeira. Outros casos semelhantes e fortes aconteceram lá, mas optamos por não mais mencioná-los neste trabalho de conclusão de curso, pois aqui nosso olhar será para a música e para o canto.

Um fator desafiador para desenvolver o trabalho de música com eles era com relação à musicalidade, que significa talento para criar ou executar alguma música. No caso desse grupo, constatamos certa ausência de musicalidade e, por este motivo, as primeiras aulas foram muito lentas e com canções de melodias muito simples. Mesmo assim percebemos grande dificuldade com a afinação das notas melódicas e também dificuldade em manter um tempo regular (que está diretamente relacionado com a pulsação da música e não com o som em si).

Passado algum tempo, algumas apresentações externas foram acontecendo e tivemos um curto prazo para nos preparar, o que tornou para eles, uma situação desafiadora e motivadora. São crianças e adolescentes muito esforçados em aprender.

Desta forma, durante esse tempo o grupo avançou bastante musicalmente. Atualmente estão aprendendo a cantar com divisão de vozes e cânones considerados difíceis. Para o Projeto Gramachinhos esta é uma grande conquista porque, com esse avanço musical, novas oportunidades começaram a surgir.

Os ensaios do Coral acontecem em um lugar aberto o que é um ambiente totalmente desfavorável para o ensino e aprendizagem da música, isso porque o Projeto Gramachinhos funciona em um espaço alugado e pequeno e que ainda é compartilhado com outras áreas de atuação, como por exemplo, a distribuição de cestas básicas, aula de reforço escolar, aula de inglês, aula de artesanato e culinária.

Em função de todas as necessidades constatadas recentemente, e que de certa forma foram divulgadas em algumas mídias, um apresentador de televisão conheceu o Projeto por meio de amigos próximos a ele, que faziam trabalho voluntário ali. Com isso, ele motivado com tudo o que viu, decidiu ajudar o Projeto Gramachinhos comprando um terreno e investindo na construção de um futuro espaço para realização de todos os projetos e iniciativas daquele lugar.

Este novo local, no futuro, contribuirá para facilitar o ensino de música, já que as aulas acontecerão em um ambiente mais favorável para a aprendizagem. Além de este novo espaço servir também, como mais um elemento motivador para aprimorar o desempenho do Coral e aumentar a autoestima dos moradores e participantes do Projeto.

CAPÍTULO II

CAMINHOS DO PROJETO: INCLUSÃO SOCIAL, CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Neste capítulo faremos uma análise de que maneira a música pôde ser utilizada como instrumento facilitador para a inclusão dessas crianças e adolescentes. Também neste capítulo e no próximo utilizaremos “falas” de alguns participantes do Canto Coral que foram entrevistados no final do semestre, para que entendêssemos um pouco melhor muitos aspectos tratados aqui. Foram 15 entrevistados que serão identificados como participante 1 (P1), participante 2 (P2), participante 3 (P3) e assim por diante.

Um dos objetivos do Projeto Gramachinhos é construir alternativas de inclusão social por meio da criação de práticas musicais, do ensino de música e educação na comunidade, oferecendo uma formação cultural para crianças e adolescentes que moram nessa área de risco. É com essa perspectiva que atua o Coral Infanto-Juvenil Gramachinhos, dar a oportunidade para que construam suas cidadanias e, com essa conquista escaparem do caminho que leva ao narcotráfico e ao subemprego, e ainda poder motivar outras pessoas.

De acordo com Kleber (2009),

(...) o papel da música emerge como uma forma alternativa à violência, à criminalidade e ao uso das drogas, um importante elemento de formação da identidade social juvenil e uma via para que os jovens busquem alternativas que os afastem da marginalidade, da violência e da criminalidade (p.18).

Para entender o significado de Inclusão Social neste contexto de música, como instrumento facilitador para inclusão das crianças e adolescentes, tendo em vista ser um tema amplo e complexo, será analisado primeiro o seu sentido oposto, ou seja, o significado de exclusão social.

A exclusão social é um processo de privação de determinados indivíduos em diversos âmbitos da estrutura da sociedade, devido à condição social em que vivem (Exclusão Social, 2017). A saber, a exclusão está relacionada à condição financeira, religiosa, cultural, sexual, exclusão etária, comportamental, patológica, de gênero, de escolhas de vida, entre outros. Essas pessoas são afastadas do convívio social e impedidas de exercerem os seus direitos de cidadãos. Oliveira (2006) define exclusão social caracterizando-as em 6 dimensões principais do cotidiano dos indivíduos, do ser, do estar, do fazer, do criar, do saber, do ter.

Além disso, existem em diversos lugares pessoas que vivem em condições que chamamos de atípicas, como por exemplo, os moradores do Jardim Gramacho. A vida dessas pessoas frequentemente é agravada pela exclusão social ou por situações marginalizantes. Com base em pesquisa feita por Sasaki, Oliveira (2006) exemplifica o que seria viver em condições atípicas, ou seja, “(...) trabalho infantil, prostituição e privação cultural, assim como pobreza, desnutrição, saneamento precário e abuso persistente e severo contra crianças, e falta de estímulo do ambiente e de escolaridade” (p. 13).

Assim, podemos então definir inclusão social como sendo uma ação que tem como objetivo combater a exclusão social. Ainda o autor acima citado, nos apresenta um conceito de inclusão social como sendo “(...) um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas e a sociedade, buscam em parceria diminuir problemas, decidir sobre soluções e proporcionar oportunidades para todos” (OLIVEIRA, 2006, p.12).

Conforme mencionado acima sobre as condições atípicas que os moradores do Jardim Gramacho vivem, é preciso ressaltar a pobreza e a desnutrição como os fatores mais graves e desafiadores para o Projeto Gramachinhos. De acordo com os dados apresentados por Noletto e Werthein (2003), em uma análise Mundial, cerca de 8 milhões de crianças morrem a cada ano em razão da pobreza; 150 milhões de crianças com menos de cinco anos sofrem de desnutrição extrema e 100 milhões de crianças moram nas ruas. A cada três segundos, a pobreza mata uma criança em algum lugar (p.27).

Diante deste cenário concluímos que a pobreza e a desigualdade deveria ser o alvo mais frequente de discussões em diferentes âmbitos, a ponto de se tornar um debate de toda a sociedade.

Em toda trajetória de trabalhos realizados com o Coral Gramachinhos, foram observadas muitas dificuldades, dentre elas a maior e a mais aparente, durante os ensaios do Coral, que é a fome.

A princípio, quem chegar ao Projeto para dar aula sem antes conhecer a história de cada uma daquelas crianças e adolescentes e de suas condições socioeconômica e de moradia, pode desistir de ensinar ali por achar que elas não têm interesse em aprender, por demonstrarem cansaço e falta de atenção. Nesse processo de ensino do Canto Coral constatamos que a causa principal da aparente ‘falta de interesse’ era a fome, este era o motivo pelo qual os integrantes sempre se queixavam. Inicialmente percebemos que o interesse principal das crianças para irem ao Projeto não estava naquilo que elas

aprenderiam, mas no fato de elas terem a oportunidade de se alimentar bem. Sobre esse tema Davis e Oliveira (2010) ressaltam que,

É importante salientar que um menino ou menina desnutrida, por sofrer uma diminuição sensível em seus tónus muscular, apresentem características tais como apatia, menor capacidade de concentração e de atenção etc. Como consequência, o padrão de interação estabelecido com ele/ela é menos estimulante do que aquele que se mantém com uma criança robusta, alerta e atenta (DAVIS; OLIVEIRA, 2010, p.77).

A fome é a aparência mais cruel da pobreza e da desigualdade social. Apesar de os conceitos de pobreza e de fome serem diferentes, há uma forte relação entre eles, principalmente no Brasil.

De acordo com Noletto e Werthein (2003), enquanto a pobreza for vista como um déficit quantitativo e natural a ser sanada, a vontade política de erradicá-la não será mobilizada. A pobreza só chegará ao fim quando for vista como uma violação dos direitos humanos e, como tal, abolida. Ela não pode ser definida como um padrão de vida ou como determinados tipos de condições de vida. Mas ela deve ser vista como a causa e o efeito da sonegação, total ou parcial, dos direitos humanos.

A alimentação é um direito básico de cidadania. O Estado deve garantir, no mínimo, condições para que as famílias se alimentem dignamente. Isso é o que determina o Direito Humano à Alimentação, do qual o Brasil é um dos signatários desde 1933, quinze anos antes da Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, colocar a alimentação em primeiro lugar entre os direitos fundamentais do homem (NOLETO; WERTHEIN, 2003, p.53).

A partir do que foi mencionado anteriormente sobre a dificuldade das crianças em função da falta de alimentação, compreendemos que a fome não é só uma consequência da pobreza, mas ela agrava o estado da pobreza. Cabe então perguntar, porque aquelas crianças e adolescentes quando vão ao projeto ou à escola, não conseguem assimilar o que está sendo ensinado?

Se uma criança não tiver uma alimentação adequada até os seis anos de idade, terá sua capacidade de aprendizado comprometida por toda vida. Mães em situação de vulnerabilidade alimentar não conseguem amamentar. O mesmo acontece com o trabalhador que, vivenciando essa mesma situação, não consegue trabalhar (NOLETO; WERTHEIN, 2003, p.54).

Em uma das apresentações externas do Coral, houve um fato que marcou profundamente as crianças. O critério para levá-las em um evento em que foram convidadas, é que o organizador do evento envie uma condução para buscá-las e trazê-las de volta e providencie um lanche para elas após a apresentação. Além disso, antes de

cada performance havia uma prática de apresentar uma breve história do Projeto Gramachinhos. Neste dia da apresentação a que nós nos referimos, não foi observada a faixa etária da plateia do evento que eram, em sua maioria, também adolescentes. Como foi exposta a situação do Jardim Gramacho, principalmente abordando o assunto sobre a fome, após o evento houve um enorme constrangimento. No momento em que os integrantes do Coral estavam lanchando, alguns dos adolescentes que assistiram a apresentação os ofenderam dizendo que os membros do Coral Gramachinhos só foram àquele local para “matarem suas fomes”.

Ficou nítida a revolta no olhar das crianças e adolescentes do Coral. Um olhar de raiva misturado à tristeza e constrangimento que eles passaram. Depois do evento, após uma longa conversa com os jovens do Coral, na tentativa de acalmá-las, motivá-las e aumentar suas autoestimas, elas se manifestaram falando como se sentiram em algumas apresentações.

Nessa exposição de opiniões, elas relataram que se sentiam constrangidas quando é apresentado o projeto e conseqüentemente a realidade do local onde moram. Pois, com isso, elas percebem que as pessoas as olham com “pena” e, por isso, acreditam que muitos os aplaudem por piedade e não por admiração pela linda performance que elas desenvolvem. Os integrantes do Coral querem ser vistos não como pessoas carentes, necessitadas de ajuda, mas querem ser reconhecidas pelo talento que têm e desenvolvem, e pelo esforço que tiveram em apresentar uma performance de qualidade.

Com este acontecimento constrangedor houve necessidade de, a partir de então, se fazer outro tipo de apresentação do Coral, de forma que as crianças não fossem expostas a intimidações como antes.

Nas entrevistas realizadas recentemente com os integrantes do Coral, uma das perguntas tratava de como eles percebem as pessoas que os assistem e como gostariam de serem vistos. Em algumas respostas encontramos: “Acho que eles nos enxergam como bichos, que não sabe se comportar” (P1, 2017) ou “Gostaria de ser tratada igual a todo mundo”, e ainda ressalta “não somos tratados assim” (P2, 2017).

Outro caso bem triste que aconteceu em uma das apresentações foi em um momento de se fazer o lanche, em que o grupo recebeu um kit (com sanduíches, suco, fruta e chocolates), enquanto todos os integrantes comiam, uma das crianças ficou segurando o seu lanche como se o protegesse. Então, perguntamos a ela porque estava segurando aquele kit sem comer, já que havia se queixado de estar com fome? E essa

criança respondeu que estava sim com muita fome, mas que estava pensando na sua mãe, que estava em casa e também estava com fome. Assim, ela preferia guardar o lanche para depois dividi-lo com ela. Foi uma situação que nos gerou muito incômodo e muita tristeza. Depois dessa conversa pedimos a ela para comer o lanche, porque providenciaríamos outro, para que pudesse levar à sua mãe. Este e outros casos semelhantes nos fazia sempre refletir sobre a quantidade de problemas que tem naquele lugar.

O Canto Coral como meio de inclusão

Em uma sociedade marcada pelo preconceito, pela não aceitação, é importante destacar a concepção da música como facilitador da inclusão dessas crianças e adolescentes permitindo que, por meio dessa arte, elas possam construir sua autoestima, o autocontrole e desenvolverem uma relação harmoniosa com o outro, com a comunidade em que vive e consigo mesmo.

Além disso, a formação musical possibilita a profissionalização, o desenvolvimento pessoal e a habilidade de trabalhar em conjunto para alcançar um mesmo objetivo. De acordo com Ribeiro (2012),

Ao longo dos anos, os projetos sociais em educação musical vêm ganhando espaço na sociedade contribuindo para a recuperação de crianças e jovens de baixa renda, atuando juntamente com a comunidade como agentes no desenvolvimento individual e sociocultural, possibilitando a conquista da cidadania desses indivíduos como pessoas críticas e participativas da sociedade (RIBEIRO, 2012, p.9-10).

De acordo com algumas pesquisas e também durante a vivência prática no Canto Coral, observou-se que trabalhar o canto em conjunto tem uma enorme relevância para projetos de Inclusão Social. A saber, o ensino da música dentro de projetos socioculturais tem ganhado papel de destaque.

Governos de diferentes esferas (municipal, estadual e federal) apoiam esses projetos com o intuito de “livrar-se” da obrigação de oferecer uma educação musical de qualidade na escola regular, destinando pequenas verbas a essas iniciativas, geralmente coordenadas por organizações não governamentais (ONGs) (SANTOS apud FUCCI AMATO, 2009, p.92).

O mesmo autor citado destaca que Aristóteles (384-322 a.C) dizia que a música “tem o poder de produzir um certo efeito moral na alma [e sobre o caráter], e se ela tem

este poder, é óbvio que os jovens devem ser encaminhados para a música e educados nela” (ARISTÓTELES apud FUCCI AMATO, 2009, p. 93).

Trabalhar o canto coletivo nos faz exercer um poder de socialização, valorizando sempre a ideia de fazer junto, com os outros e voltada para o outro, deixando de lado a noção egoísta da individualidade, com vistas à solidariedade. É o que hoje entendemos como a importância da interação entre os pares, no processo ensino e aprendizagem.

O Canto Coral é uma enorme ferramenta para a integração, pois coloca todos numa posição de aprendiz, eliminando qualquer tipo de barreira entre os indivíduos. Dedicar-se ao aprendizado das músicas e aos ensaios faz com que os membros daquele grupo tenham um objetivo em comum, desenvolvendo assim um senso de união, abrindo mão dos interesses individuais pelos interesses do coletivo.

As relações interpessoais são predominantemente horizontais, calorosas, informais, solidárias e centradas na emotividade. Para o indivíduo ou para o grupo no conjunto contam, principalmente, o reconhecimento e a gratificação moral. Prevalece uma liderança carismática. Cada um está atento àquilo que deve dar aos outros; atribui muita importância ao empenho; tende a aprender o mais possível, para melhorar a qualidade de suas próprias contribuições; sente-se responsável; sabe para que ele serve; sabe para que serve a sua contribuição pessoal; não tende a descarregar sobre os outros as suas próprias responsabilidades. A disciplina provém do empenho pessoal, da atração exercida pelo líder, da adesão à missão, da dedicação ao trabalho, da fé, da generosidade, da participação na “brincadeira” (DE MASI apud FUCCI AMATO, 2009, p. 95).

O regente-educador tem o papel de entusiasmar e envolver o grupo no processo da criação artística. A inclusão nesse processo vem a partir da motivação de cada um, na construção do conhecimento de si mesmo, de sua voz, de seu potencial e do resultado com qualidade na execução vocal do conjunto.

Além do que citamos acima, o Canto Coral contribui também para desenvolver no indivíduo um pensamento crítico, permitindo-os estabelecer seus gostos individuais. Nessa troca de opinião dentro do grupo e uma maior participação faz com que eles se sintam integrados e incluídos, além de prepará-los para terem voz também na sociedade.

Assim “(...) a música apresenta-se então como um importante elemento de formação de identidade e construção da cidadania, onde agentes multiplicadores de cultura assumem o papel de transformadores da realidade social” (OLIVEIRA, 2006, p.13).

Educação não formal

Analisando a questão da educação musical como promotora de mecanismos de inclusão social, Gohn (2006) apresenta o conceito de educação não formal. De acordo com a autora, a educação não formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. No caso deste Coral em particular, cabe também o desafio de entender em que medida o modelo de educação não formal pode auxiliar no trabalho realizado naquele lugar. Para Gohn, educação não formal é a categoria central do trabalho de um educador social.

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor (GOHN, 2006, p.2).

Com o surgimento dos projetos sociais em educação musical em nosso país nas últimas décadas, são geradas novas reflexões, caminhos e possibilidades para o ensino e aprendizagem da música. De acordo com Santos (2006),

Esses projetos, por sua vez, tomaram significativas dimensões em nossa sociedade, buscando suprir as deficientes iniciativas socioculturais viabilizadas pelos governantes, causando impacto e interagindo diretamente com a sociedade, ao contribuir positivamente para a recuperação da ação educativa e cultural de crianças e jovens de baixa renda (p.2).

O ensino de música não somente no Projeto Gramachinhos, mas também em outros projetos sociais tem desenvolvido uma proposta muito eficiente de educação com o foco na transformação social. Devido aos inúmeros desafios surgidos, a educação musical como parte da educação não formal, tem atuado em diferentes contextos e espaços. Esta nova proposta de educação acontece em locais informais, fora das escolas, e normalmente acompanhando ao cotidiano do grupo e do indivíduo, em lugares e situações construídas coletivamente de forma interativa. Nesta proposta de educação Gohn (2006) afirma que, na educação formal quem ensina são os professores graduados. Porém, na educação não formal o educador é aquele com quem estamos integrados, por exemplo, os pais, os amigos, colegas de escola, os meios de comunicação, ou alguém que se disponibilizou a contribuir com o ensino de alguma maneira.

A educação não formal tem grande valor no contexto de transformação social dentro dos projetos sociais, porém alguns projetos ainda não sabem como desenvolver esta forma de educação. Santos (2006) afirma que,

Em alguns casos, são desenvolvidos apenas como elemento de integração social, o que torna esses projetos vazios e subaproveitados, desvalorizando o seu valioso potencial educativo e formador normalmente intrínseco a eles, passando apenas a constituir-se como uma forma de lazer ou passatempo sem uma efetivação consistência nas suas propostas (KATER apud SANTOS, 2006, p.3).

Inicialmente nem sempre existe um objetivo claro para a educação não formal, ela é e deve ser construída através do processo de interação e de acordo com a necessidade das pessoas ali envolvidas. A partir disto, é gerado o processo educativo. De acordo com GOHN (2006), “A educação não formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo” (p.3).

A metodologia utilizada na educação não formal surge a partir de temas colocados como necessidades, desafios a serem realizados na vida cotidiana. Esse processo nasce por meio da cultura dos indivíduos e do grupo. O método faz parte de um processo que se constrói ao longo do tempo, no relacionamento com o outro. Ela atua também em áreas subjetivas do indivíduo, desenvolvendo um sentimento de pertencimento no mundo, de autoestima, contribuindo na construção da identidade do grupo (trabalhando questões de solidariedade, dos interesses comuns, e de construção da cidadania coletiva) (GOHN, 2006).

Além da educação não formal, existem também outras propostas que se apresentam como educação social. Que, segundo a autora Gohn (2006), a maioria dessas propostas voltadas para os grupos excluídos socialmente tem como objetivo os inserir no mercado de trabalho ou dar assistência apoiada em políticas sociais compensatórias. Mas, de acordo com a autora a proposta da educação não formal é outra,

Entendemos a educação não-formal como aquela voltada para o ser humano como um todo, cidadão do mundo, homens e mulheres, numa perspectiva da emancipação, numa pedagogia libertadora e não integradora a uma dada ordem social desigual (p.5).

Atualmente podemos perceber nos educadores musicais o interesse na busca por ideias inovadoras para o ensino de música e, além disso, grande preocupação na valorização do contexto social e com a cultura dos alunos. Neste sentido, Santos (2006) ressalta a importância de considerar que como ser social, os alunos não são iguais. Para

a autora, um ensino que desconsidere as diferenças da realidade de cada indivíduo, não pode ser atribuído como significativo.

Independente da forma ou contexto no qual acontece a educação musical, ela deverá sempre servir como elemento de expressão sociocultural, reafirmando e valorizando as características fundamentais do fenômeno musical presente nos múltiplos contextos existentes na sociedade, aproximando-se assim da realidade cultural e musical de cada grupo ou indivíduo inserido nos diferentes âmbitos culturais (SANTOS apud SANTOS, 2006, p.2).

Apesar da pesquisa feita pelos educadores musicais e de toda busca por novas ideias para os diferentes contextos no ensino da música, podemos perceber que em muitos casos a aplicação, na prática, está muito distante do que se espera.

Para o educador musical atuar nos projetos sociais ou nos demais contextos não-formais de ensino, irá necessitar além de uma formação consistente, uma estratégia adequada para seu trabalho junto às comunidades, com vistas a desenvolver um ensino vivo e criativo. Ensino esse que valorize os conteúdos e sua sistemática, mas também a espontaneidade, a crítica e os valores informais, que saiba lidar tanto com o que é planejado, quanto com o que é inesperado, e, enfim, que saiba adequar consciente e consistentemente o seu ensino a cada espaço educativo, tendo em vista as distintas particularidades e realidades (SANTOS, 2006, p.4).

Construção da Identidade

A música está presente na vida do homem e nas suas emoções. Durante esses dois anos no trabalho com o Coral Gramachinhos, a música não somente foi parte integrante na vida dos participantes, como também influenciou na construção da personalidade de cada um. Atualmente, o coral é composto, na sua maioria, por adolescentes. E pra analisarmos de que forma a música influenciou nessa construção de identidade não podemos estudar a adolescência separando os aspectos biológicos, psicológicos, sociais ou culturais. A autora Colle baseando-se na afirmação de Osório diz que esses aspectos “(...) são indissociáveis e é justamente o conjunto de suas características que conferem unidade ao fenômeno da adolescência” (COLLE, 2004, p.23).

Nessa fase da adolescência eles começam a vivenciar um momento de descobertas, criando expectativas sobre si e sobre o outro, buscando adquirir conhecimentos sobre a vida e o mundo do adulto. Este é um período de muitos questionamentos, inquietações e reorganização de seus pensamentos, de sua vida pessoal e também social.

Cada adolescente passa por transformações e aprendizados diferentes pelo fato de viverem em ambientes sociais diversos. Portanto, não podemos lidar como se todos eles fossem iguais e vivessem nas mesmas classes sociais. Eles estão inseridos em outro contexto cultural e social, as informações que recebem e o acesso à cultura são outros. Com isso, o seu desenvolvimento também será diferente, assim como o destino das crianças brasileiras. Existem aquelas crianças que são estudiosas, aquelas que brincam, as trabalhadoras, as que roubam, as viciadas, as que são amadas e as que são apenas usadas. Segundo COLLE (2004), “O mundo do que a “criança deveria ser” ou “ter” é diferente daquele onde ela vive ou, no mais das vezes, sobrevive” (p.26).

Há aquele que considera a família a maior culpada, por ser responsável pela formação e socialização da criança. Para tanto é necessário também que a família tenha condições materiais para manter-se, assim como moradia, emprego, saúde, e escola. Mas, infelizmente essa não é a realidade que muitos vivem e a grande corrupção no Brasil é uma das causas desse quadro de muitas necessidades e imensa indiferença aos menos favorecidos.

Mas afinal, o que é identidade?

A identidade é o sentimento que o indivíduo desenvolve a respeito de si mesmo, baseando-se também nos atributos que as pessoas dão. Ou seja, a identidade não é algo definido em cada um, mas um processo contínuo de mudanças na história de vida de cada pessoa. Um processo em que conheço os outros e me reconheço. De acordo com Colle (2004), este processo “(...) faz do grupo um lugar propício ao desenvolvimento da responsabilidade sobre a construção de nossa identidade” (p.31).

A identidade é socialmente construída durante a vida inteira do ser humano. A construção da identidade está totalmente relacionada ao ambiente que o indivíduo está inserido, incluindo o relacionamento com as pessoas inseridas neste mesmo lugar. Barbosa (2007) baseado na teoria de Vigotski afirma que,

Desenvolvimento humano é um processo cultural e seu caráter é histórico. O processo de tornar-se humano não é o resultado do amadurecimento de estruturas já presentes na *psiqué* humana ao nascer; ao contrário, a condição de humanidade só pode ser adquirida através da interiorização pela criança das habilidades e saberes constituídos pelo homem ao longo dos séculos. O desenvolvimento humano é entendido como constituição humana e implica conhecer, aprender, descobrir, produzir, interpretar, elaborar e reelaborar significados sobre os diversos sistemas simbólicos (entre eles, a música!) que permeiam a vida em sociedade (BARBOSA, 2007, p.78).

Existe um período na adolescência de crise de identidade, na busca por um novo espaço no mundo, onde elas entram numa realidade diferente daquela que estavam acostumadas a viver, gerando assim uma confusão de conceitos e valores, no caminho ainda de encontrar respostas para as perguntas como: “Quem sou eu?” “Para onde vou?”.

Para encontrar a resposta para essas perguntas e construir sua própria identidade isso se dará por meio da troca e do relacionamento com outras pessoas. Os indivíduos constroem seus conhecimentos a partir do meio em que interage. Nessa interação, fatores internos e externos se inter-relacionam influenciando os indivíduos continuamente.

Nessa convivência com outras pessoas no Coral, constatamos que o adolescente aprende a mudar o seu comportamento e controlar suas vontades, sem ter que passar pela experiência dolorosa de ser rejeitado. Ou seja, as amizades ajudam os adolescentes a aprenderem a lidar com seus sentimentos e também com os sentimentos do outro, servindo assim como uma espécie de terapia pelo simples fato da convivência em grupo e da busca pela identidade própria.

Outro aspecto de extrema importância para a construção da personalidade dessas crianças e adolescentes é a interação com o professor. O educador musical, como qualquer professor é referência e modelo para seus alunos, não apenas no sentido musical (seu conhecimento técnico), mas principalmente nas atitudes como ser humano, assim como o seu caráter. O professor é um espelho na maneira de ser, no comportamento, nas opiniões, na sua postura. Por este motivo, precisamos sempre refletir na maneira como fomos criados, refletir criticamente sobre quem somos hoje e o que nos cerca, refletir também no modo como acreditamos estar influenciando na vida de alguém, se de modo positivo ou negativo. Ou seja, é necessário que o professor tenha o cuidado de se dedicar também ao trabalho de desenvolvimento pessoal, de se auto observar.

De acordo com Kater (2004) o privilégio em ser educador é justamente fazer parte de maneira decisiva na formação profissional do aluno, na construção de sua personalidade e do desenvolvimento como ser humano, “buscando no hoje tecer o futuro do aluno, cidadão de amanhã” (p.46).

Quanto à identidade, autoestima e a personalidade, as entrevistas com as crianças e adolescentes trouxeram as seguintes percepções: “O Projeto de Coral nos ensina e prepara para o futuro” (P.3, 2017), “nos ensina a ter um objetivo na vida” (P.4,

2017), assim como a percepção de mudança, “antes do projeto eu não tinha responsabilidade, e hoje aprendi a ter responsabilidade na vida” (P.1, 2017), “eu era uma criança chata, e hoje sou mais alegre” (P.5, 2017), “eu mudei, hoje o meu comportamento é diferente” (P.6, 2017).

CAPÍTULO III

PERFORMANCE MUSICAL

A performance é uma palavra com origem na língua inglesa, que significa realização, feito, desempenho. Na maioria das ocasiões ela é usada no contexto de apresentações em público, desempenhando algum papel no âmbito artístico. Mas para alguns pesquisadores a performance vai muito além de apresentar um trabalho artístico, o que seria considerado o ‘produto final’.

Para estes pesquisadores a performance é considerada uma metodologia. Porém, percebe-se que muitos profissionais carecem de uma melhor compreensão sobre este significado. Dentre as subáreas de música, a performance pode ser considerada recente no meio acadêmico. De acordo com Borém e Ray (2012), apesar do crescente número de músicos, grupos musicais e instituições de ensino, muito pouco tem sido feito para documentar os processos criativos e pedagógicos da performance de forma científica no Brasil.

Há muitas discussões em torno do que poderia ser considerado a performance. Nosso foco será a performance como processo e não como produto. Assim, no projeto Gramachinhos considera-se a performance musical como uma das maiores contribuições no processo de construção da identidade de cada uma das crianças e adolescentes do Coral. Neste capítulo abordaremos o significado da performance, neste projeto.

Para os autores Pinto (2001) e Hikiji (2005) a performance é entendida como processo, e não apenas como a apresentação final. Ou seja, segundo eles esta ação gira, principalmente, em torno de toda a aprendizagem adquirida durante o período de ensino e da aprendizagem com o outro.

Pinto (2001) afirma que “a etnografia da performance musical marca a passagem de uma análise das estruturas sonoras à análise do processo musical e suas especificidades”. Nesta perspectiva, ele abre mão da ideia de música enquanto ‘produto’, e passa a enxergá-la como ‘processo’ de significado social, que para ele é “capaz de gerar estruturas que vão além dos seus aspectos meramente sonoros” (p.227).

De acordo com Cerqueira (2010) a performance envolve desde o aprimoramento do repertório (onde ocorre o aperfeiçoamento das habilidades motoras) até ao ato momentâneo da apresentação musical (apresentação em público). O autor busca uma análise teórica do processo da performance que, segundo ele,

É um fenômeno complexo que requer atenções diversas e abordagens interdisciplinares, entre elas composição, organologia, percepção musical, história, antropologia, fisiologia, neurologia, cognição, matemática, acústica, e o mais complexo dos aprendizados: a sensibilidade artística (CERQUEIRA, 2010, p.4)

Hikiji (2005) defende a ideia de que “pensar a performance implica não isolar esferas da vida social como estética, ética, política, religião, entre outros.” E afirma também que a teoria antropológica da performance ajuda a analisar a relação entre prática musical e intervenção social.

Para Hikiji (2005), o conceito de performance como processo reforça características que são essenciais, como por exemplo, a experiência do coletivo. Onde os participantes do Coral passam a se conscientizar do que é preciso para ter um bom desempenho nos repertórios ensaiados e para as apresentações. Ou seja, ter uma escuta atenta ao que o outro está fazendo, aguardar o momento certo para cantar, entre outros aspectos. Isso acaba gerando união entre o grupo. Inclusive gera também um vínculo afetivo, onde pessoas que não tinham nenhum tipo de contato passam a ter amizade fora do ambiente de aula e ensaio. Eles começam a se conscientizar de que são identificados pelas pessoas como um grupo – e essa identidade de grupo precisa ser construída dentro deles.

Na visão de COOK e BORÉM (2006), “a música pode ser compreendida tanto como um processo quanto um produto, mas é a relação entre os dois que define “performance” na tradição da “arte” ocidental” (p.11), e continua os autores,

Compreender música enquanto performance significa vê-la como um fenômeno irredutivelmente social, mesmo quando apenas um indivíduo está envolvido (pode-se fazer aqui uma comparação com o ritual religioso, que envolve a reprodução de formas de expressão socialmente aceitas, mesmo quando conduzidas na privacidade). (...) Enfatizar a dimensão irredutivelmente social da performance musical não é negar o papel da obra do compositor, mas sim constatar as implicações para o nosso entendimento do que vem a ser esta obra (p.11).

Para o Projeto Gramachinhos a performance é também uma oportunidade de exibição do Projeto e seus participantes. Nas palavras de HIKIJI (2005), “Para a performance, são mobilizadas expectativas, representações de si (do indivíduo e do grupo) e do outro (o público, que pode conter mães, amigos, parentes, estranhos, “gente filmando”)” (p.166).

Ainda de acordo com o autor “a possibilidade de conhecer pessoas com experiências de vida diversas das suas dá aos jovens referências, opções: aponta caminhos, acertos e erros, possibilidades” (HIKIJ, 2005, p.163).

O Processo da Performance no Coral Infanto-Juvenil Gramachinhos

O Coral Infanto-Juvenil Gramachinhos teve início no dia 10 de Outubro de 2015, e é nítido perceber que a participação das crianças e dos adolescentes em apresentações fora de onde residem era um momento marcante na vida deles. Isto porque essas situações possibilitavam conhecer pessoas e lugares que não estavam acostumados a frequentar e que, por este motivo, os eventos externos eram muito aguardados pelos participantes do coral.

Na primeira apresentação que eles fizeram, foi num restaurante em que a dona do lugar os convidou e promoveu, para eles, um almoço especial e uma festa. Neste dia percebemos que todo o trabalho com eles seria muito mais desafiador do que aparentemente pensava. Nesta situação ficou claro que eles não moravam apenas num lugar chamado de lixão, mas é como se eles tivessem, dentro deles, hábitos e costumes característicos de quem mora em um lugar de exclusão como aquele.

Durante os ensaios eles estavam habituados a jogar o lixo em qualquer lugar, falavam sempre gritando, o respeito com o outro era algo que não tinham, e eles ainda não sabiam de que maneira poderiam ter atitudes de agradecimento quando eram beneficiados por alguém. Então, no dia da primeira apresentação, foi tudo muito novo, para todos. Eles estavam num ambiente social onde era preciso ter uma atitude educada que eles não tinham. Ou seja, não deveriam falar alto, saber aguardar na fila o momento de se servir, entre outros comportamentos sociais mais educados. Aconteceu totalmente o oposto. No entanto, era nítido ver o esforço que eles faziam para se manter na fila, muito embora gritassem o tempo inteiro, entravam na frente das pessoas, jogavam papel e lixo no chão do restaurante, uma das crianças quebrou o espelho, quando foi ao banheiro. Contudo, ainda assim, a dona do restaurante os recebeu muito bem, mesmo diante dos outros clientes que estavam almoçando ali, e que mantinham os olhares atentos ao grupo do Coral e foram também pacientes e depois ficaram emocionados quando tiveram a oportunidade de assistir o Coral cantar.

Todos os momentos foram muito importantes para eles, desde os aplausos que geraram vários sentimentos, era uma felicidade misturada ao espanto de ter a experiência de serem aplaudidos pelos seus talentos. Eles puderam se alimentar de uma

maneira que no dia a dia isso não acontece muito pelo contrário, às vezes nem conseguem comer. Todos os momentos pareciam ser de grande valor para cada um deles, desde a chegada ao projeto, à entrada no ônibus, o momento do lanche e almoço, o trajeto, a exibição e a nítida consternação em retornar. Depois deste dia, eles sempre perguntavam quando seria a próxima apresentação. A partir desse evento, isso se tornou a maior motivação de estarem no projeto aprendendo o canto.



Imagem da primeira apresentação do Coral Gramachinhos no restaurante

O projeto não visa formar músicos profissionais, mas busca a integração social das pessoas envolvidas no Coral. Com isso, outros aspectos além do ensino de música são também trabalhados, como mencionado anteriormente, com relação aos novos hábitos e atitudes que aprenderam que tornam a convivência em grupo mais harmoniosa.

Esse processo de aprendizagem de novos comportamentos foi muito difícil, e a cada apresentação era uma “surpresa” diferente. No início do trajeto eles jogavam sacolas plásticas pela janela, o que poderia gerar um sério risco de acidente na estrada, entre outras atitudes que poderiam causar outros danos. Com isso, passamos a repreendê-los de alguma forma, ou seja, o participante que tivesse algum mal comportamento, e diferente do que ensinamos, não participaria da próxima apresentação. Essa repreensão deixava-os alvoroçados e preocupados, pois a apresentação externa era a única maneira que eles tinham de viver momentos diferentes e especiais. Então eles passaram a melhorar seus comportamentos para não perder essa

oportunidade. A partir de então foi nítido constatar a mudança gradativa que eles apresentavam.

Certo dia eles foram convidados pela gravadora mais conceituada do Rio de Janeiro, no meio Gospel, para fechar um evento que acontece anualmente há 19 anos, chamado Louvorzão. Este evento conta com a presença de grandes nomes da música gospel nacional, e reúne milhares de pessoas. É montada uma megaestrutura para esse show, onde já aconteceu no estádio do Maracanã, Praça da Apoteose, na Quinta da Boa Vista, na Enseada de Botafogo e na Praia de Botafogo. Esse show já deixou sua marca espalhada por muitos lugares da cidade maravilhosa, sendo destaque na cobertura dos principais veículos de comunicação em rádios, televisão, jornais, revistas e páginas eletrônicas especializadas. No último evento, que aconteceu em 2016, foi montada uma enorme estrutura na Praia de Copacabana, em frente ao Hotel Copacabana Palace reunindo mais de 150 mil pessoas.

Tendo em vista a proporção deste evento, pode-se imaginar como foi para as crianças do Coral receber o convite para fechar com “chave de ouro” ao lado do grande cantor gospel Anderson Freire com a canção mais famosa dele chamada ‘Raridade’. O “Louvorzão” trouxe para as crianças e adolescentes do Coral uma visibilidade muito grande e também, trouxe a oportunidade deles mostrarem o seu talento para tantas pessoas, fazendo assim com que eles se sentissem incluídos em uma sociedade onde nunca fizeram parte.

Diante da proporção deste show, o famoso “frio na barriga” era notável em cada um deles. O medo do palco é comum em qualquer artista. Há de se imaginar como foi para eles o desafio de atender as expectativas de quem estava pra assisti-los. Hikiji (2005) afirma que, “a plateia é sempre ambígua: de lá podem sair os aplausos – reconhecimento do trabalho do grupo –, mas também a reprovação”. “É, portanto, fonte de ansiedade, preocupação, medo, vergonha” (p.169).

Essa grande oportunidade que os integrantes do Coral tiveram, deixou marcas profundas e lembranças, que sem dúvida, ficarão registradas em suas memórias, pelo resto de suas vidas. Milhares de pessoas aplaudindo, gritando o nome do Coral, foram recebidos com um banquete de alimentos e com uma linda homenagem feita pelos responsáveis do evento.



Coral Gramachinhos cantando no evento Louvorção 93fm

Esse acontecimento e a performance que tiveram são considerados atualmente, pelo Projeto Gramachinhos, o auge de todo processo pedagógico.

Desde o início do Coral até o dia desse evento, muitas mudanças já estavam acontecendo na vida de cada um deles e, neste dia, podemos perceber o quanto eles pareciam mais maduros e como mudaram quanto ao aspecto comportamental. Atualmente, os integrantes do Coral demonstram serem pessoas completamente diferentes de como as conhecemos no início do Projeto.

Podemos ainda considerar que apesar de o tempo das aulas e ensaios ser em média de uma hora e meia, e apenas uma vez por semana, o objetivo principal tem sido alcançado no que diz respeito à aprendizagem da música e também quanto ao relacionamento entre eles, a inclusão, a disciplina e a socialização.

O repertório do Coral Gramachinhos é vasto, sendo executadas músicas de estilos variados, do gospel a canções de MPB, cânones, chorinhos, canções do folclore Infantil, canções natalinas entre outros. O fato de ser trabalhadas músicas de diversos gêneros faz com que o gosto musical deles seja ampliado, influenciando também na valorização da cultura como um todo, e não apenas naquilo que eles estavam acostumados a escutar.

Muito embora o ambiente acadêmico nos instrua com repertórios adequados para trabalhar com coros de diversas faixas etárias, e de um modo bastante amplo. Ao iniciar o trabalho musical com o coral notamos que nenhum dos repertórios

apresentados deu certo, porque eram músicas desinteressantes para eles. É como se pegássemos uma cultura que vivemos e forçássemos aqueles jovens a aceitá-los e pior, de gostar delas.

Com isso, percebemos que não são eles que precisam se adaptar ao que achamos ser “música boa e interessante”, mas nós professores que precisamos mudar o nosso método e modo engessado de ensinar e nos adaptarmos a cultura deles. E, aos poucos ensinarmos a importância de se conhecer os diversos gêneros musicais e a história cultural que há por trás de cada um desses gêneros.

Com o objetivo de nos inserirmos na cultura musical que as crianças e adolescentes de Jardim Gramacho estavam acostumados a vivenciar, e levar novas propostas adaptadas, iniciamos um trabalho com músicas num estilo de Rap, Hip Hop, Funk, Pop, Gospel (para eventos dentro das igrejas) e músicas dançantes. Ao poucos o repertório foi crescendo com outros gêneros musicais.

Na entrevista feita recentemente perguntamos aos alunos o que eles mais gostavam no coral e na professora, a resposta foi quase que unânime, “ela ensina música que a gente gosta” (P2, 2017).

Com o avanço dos alunos nos aspectos da musicalidade, afinação, ritmo, entre outros, possibilitou ensinar músicas mais difíceis. No objetivo de ensiná-los a cantar músicas com divisão de vozes, trabalhamos inicialmente com cânones, na intenção de ensinar os alunos a ter o que chamamos de independência vocal. O Cânone é uma forma musical polifônica onde as vozes cantam a mesma linha melódica, e depois elas se dividem, a primeira voz começa cantando e depois entra uma voz após a outra, fazendo a mesma linha melódica, porém, uma voz retomando o que a outra acabou de fazer, enquanto a primeira continua o seu caminho. Como se fosse uma corrida, onde a segunda não alcançará a primeira, a terceira não alcançará a segunda, e assim sucessivamente. Essa independência vocal resultante do cânone possibilita o aluno a cantar uma voz específica em uma determinada música, e outro aluno não se confundir fazendo outra voz na mesma música. Além disso, esse tipo de ensino através de cânones contribui para que os indivíduos melhorem sua concentração e memória.

Quanto a performance as entrevistas com o Coral Gramachinhos trouxeram as seguintes percepções, “acredito que hoje o público nos enxergam como pessoas que tem futuro pela frente” (P.1, 2017), “nós somos pessoas maravilhosas e importantes” (P.7, 2017), assim como a percepção dos familiares, “minha família me apoia no coral porque me tornei uma pessoa melhor” (P,4), “minha família me apoia no coral porque temos a

oportunidade de conhecer lugares que não tínhamos oportunidade de conhecer” (P.5, 2017), e também a percepção do Coral como um todo, “o Coral Gramachinhos é a minha segunda casa” (P.2, 2017), “O Coral Gramachinhos é a base para o meu futuro” (P.6, 2017).

Assim, na voz dos próprios integrantes do Coral, tivemos reiterado que além de atingirmos os objetivos iniciais propostos para este Projeto, estamos obtendo resultados de enorme valor humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho proporcionou a compreensão a respeito de todos os processos, construções, desempenhos e desafios que o projeto Coral Infante-Juvenil Gramachinhos realizou durante os dois anos de existência.

Analisar este percurso à luz dos teóricos possibilitou conhecer e reconhecer que o trabalho com aquelas crianças e adolescentes, que vivem em situação de total exclusão social, nos levou a encontrar um caminho não formal de integrá-los, de uni-los, de proporcionar melhores condições de interações sociais, de autoestima, de construção de suas identidades e de, principalmente, expectativas de um futuro menos devastador do que viveram até então.

A partir do resultado obtido neste trabalho e do reconhecimento da realidade particular e peculiar do grupo estudado, futuros projetos poderão utilizá-lo para, quem sabe, possibilitar o desenvolvimento de políticas públicas e ações sociais que auxiliem essas populações. O resultado deste estudo poderá também incentivar novos professores que lecionam em áreas com público semelhante, principalmente em comunidades e lugares de risco. Na universidade, alunos de Licenciatura também poderão se sentir motivados a estudar temas próximos e, no futuro, poderão trabalhar em lugares com este perfil, de maneira ainda mais produtiva.

Além disso, o fato de disponibilizar as informações e análises deste trabalho permitirá a visualização e divulgação do Projeto Gramachinhos e, com isso, poder encontrar formas de ampliá-lo e torná-lo parte permanente de um futuro mais promissor, onde a motivação principal será a aprendizagem da música e, com ela, a integração social. Desta forma, justifica-se a contribuição acadêmica deste tema de pesquisa que trata da música e de crianças e jovens excluídos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARBOSA, Maria F. S. Educação musical infantil: uma nova proposta. **Claves n. 3** – São Paulo. Maio, 2007, p.74 – 82.

BORÉM, Fausto. Por uma unidade e diversidade da pedagogia da performance. **Revista da Abem**, n. 14, p. 45-54, março 2006.

BORÉM, Fausto; RAY, Sonia. Pesquisa em performance musical no Brasil no século XXI: problemas, tendências e alternativas. In: **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA**, 2., 2012, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UNIRIO, 2012. p.121-168.

CARVALHO, Janaína. G1 relata abandono de moradores de Gramacho, 3 anos após lixão fechar. Rio de Janeiro. Junho, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/g1-relata-abandono-de-moradores-de-gramacho-3-anos-apos-lixao-fechar.html>>. Acesso em: 15/05/2017.

CERQUEIRA, Daniel Lemos. Princípios pedagógicos da performance musical. São Luís. 2010, p.1-14.

CERQUEIRA, Daniel Lemos. Teoria da Performance Musical. **MUSIFAL** vol 2. Maceió: UFAL, 2010e.

COOK, Nicholas; BORÉM, Fausto (trad.). Entre o processo e o produto: música e/enquanto performance. **Per Musi**, Belo Horizonte, n. 14, 2006 p. 5-22.

EXCLUSÃO SOCIAL. **Toda Matéria**. Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/exclusao-social/>>. Acesso: 21/11/2017

FRAGA, Jeovane A.A.; VARELA, Danielle S.S. A relação entre desnutrição e o desenvolvimento infantil. **Rev. Assoc. Bras. Nutr.:** Vol.4, N.5, jan-jun 2012, p.59-62.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Música e políticas socioculturais: a contribuição do canto coral para a inclusão social. **Opus**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 91-109, jun. 2009.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal na pedagogia social. **SciELO Brasil**. Congresso Internacional de Pedagogia Social. Março, 2006, p.1-10.

HIKIJ. Rose Satiko G. Etnografia da performance musical: identidade, alteridade e transformação. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 155-184, jul./dez. 2005.

HUMMES, Júlia Maria. Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 11, 17-25, set. 2004.

KLEBER, Magali Oliveira. Práticas Musicais em ONGs: possibilidade de Inclusão social e o exercício da cidadania. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**. Abril/ Maio/ Junho de 2008 Vol. 5 Ano V nº 2, p. 1-24.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo. **Editora Pedagógica e Universitária**, 1986, p. 11-24.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo: **Editora Terceiro Nome**, 2012, 349 pp.

NOLETO, Marlova Jovchelovitch; WERTHEIN, Jorge. Pobreza e desigualdade no Brasil: traçando caminhos para a inclusão social. Brasília: UNESCO, 2003.

OLIVEIRA, Eliale Sudário. Inclusão social através da música. **Monografia** do curso de Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música. Rio de Janeiro: Instituto Villa-Lobos do Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2006.

ONGARO, C. D., SILVA, C. D., & RICCI, S. M. (2006). A Importância da Música na Aprendizagem. Obtido em 12 de setembro de 2017, de <http://www.alexandracaracol.com/Ficheiros/music.pdf>

PEDERIVA, Patrícia. A aprendizagem da performance musical e o corpo. **Música Hodie**. v. 4, n. 1. Goiânia: UFG, 2004, p. 45-61.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música: questões de uma antropologia sonora. **Revista de Antropologia**, São Paulo: USP, v. 44, n. 1, p. 221-286, 2001.

REZENDE, Ulisses B.; REIS, Andreia R. G.; RIBEIRO, Marianna P. P. F. A música e o desenvolvimento infantil: o papel da escola e do educador. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery** n.12, Jan/Jun 2012. Disponível em: <<http://re.granbery.edu.br>>

RIBEIRO, Raimundo Luiz. Inclusão social através do projeto música no Munim: Musicalizando Crianças e Jovens. **Monografia** do curso de Licenciatura em Música. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2012.

RORIZ, T. M., AMORIM, K. S., ROSSETTI, F. M. C. Inclusão Social/Escolar de Pessoas com Necessidades Especiais: Múltiplas Perspectivas e Controversas Práticas Discursivas. **Psicologia USP**, 16 (3), 2005, p. 167-194.

SANTOS, Carla. Educação musical nos contextos não-formais: Um enfoque acerca dos projetos sociais e sua interação na sociedade. Dissertação (Mestrado em música) – UNICAMP. Campinas, 2006, p.1-6.

SOUZA, C. E; JOLY, M. C. L. A importância do ensino musical na educação infantil. **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, Ano 4 v. 4 n. 7, p. 96 - 110 , jan -jun. 2010.

TOLEDO, E. H; MARTINS, J. B. A atuação do professor diante do processo de inclusão e as contribuições de Vygotsky. **Anais do IX congresso nacional de educação**. Paraná: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2009.

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO *

Você foi escolhido para participar da pesquisa “A música e seus efeitos transformadores com crianças e adolescentes do Projeto Gramachinhos” a qual tem por objetivo identificar e compreender como a musicalização e a performance musical se tornaram importante fator no processo de integração social, e de transformação na vida das crianças e adolescentes de Jardim Gramacho.

Na qualidade de aluno de música você foi entrevistado.

As informações obtidas por meio desta pesquisa serão confidenciais e assegura-se o sigilo de sua participação. Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar a sua identificação, sendo-lhe garantida a privacidade.

A entrevista será utilizada somente no projeto de pesquisa de Jessica Francisca Gimenes do Nascimento Pereira graduanda da Licenciatura em Música da UNIRIO, ficando este autorizado a fazer uso delas para elaboração do texto de seu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso).

Você receberá uma cópia deste termo e poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto, agora ou a qualquer momento, com o pesquisador, através do e-mail jessicagimenesmusicista@gmail.com

Eu, _____, declaro que entendi os objetivos e os benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Rio de Janeiro,

Graduanda UNIRIO

Entrevistado

.....
(*). Observação: *O termo de consentimento foi assinado por todos os entrevistados.*

ANEXO 2

ROTEIRO DAS PERGUNTAS

1. Há quanto tempo você está no Coral?
2. Porque você quis participar do Coral?
3. Como conheceu o grupo?
4. Você gosta de música?
5. Você gostava de música antes do projeto?
6. Que tipo de música você gosta?
7. O que a música significa pra você?
8. Você acha que o projeto é importante? Porque?
9. Quantas vezes por semana você vai ao projeto?
10. O que quer aprender indo para o coral?
11. Como você era antes de conhecer o Projeto Gramachinhos?
12. Você mudou? Como foram essas mudanças?
13. Você acha que a música tem algo haver com a mudança?
14. O que as pessoas pensam do Coral?
15. Como o público vê vocês? Quem eles pensam que vocês são?
16. E quem vocês são? Como gostariam de ser apresentados?
17. Para você música é lazer ou profissão?
18. Sua família apoia você fazer parte do Coral?
19. O que a professora de música faz que vocês mais gostam?
20. O que ela não faz que vocês gostariam que ela fizesse?
21. Para mim o Coral Gramachinhos é...